



RELATO DE EXPERIÊNCIA

OBSERVAÇÃO EM COLETA DE DADOS NA ÁREA DE ENFERMAGEM OBSTÉTRICA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

OBSERVATION ON DATA COLLECTION IN THE AREA OF OBSTETRICAL NURSING: AN EXPERIENCE REPORT

OBSERVACIÓN SOBRE LA RECOGIDA DE DATOS EN EL ÁREA DE ENFERMERÍA OBSTÉTRICA: UN RELATO DE EXPERIENCIA

Jéssica Machado Teles¹
Ana Lucia de Lourenzi Bonilha²

RESUMO: Objetivo: relatar as experiências de uma acadêmica de enfermagem como auxiliar de pesquisa em um Centro Obstétrico de um Hospital Universitário de Porto Alegre, RS, Brasil. **Método:** descrever e refletir sobre as experiências obtidas por esta acadêmica através da observação naturalística em coleta de dados de pesquisa qualitativa, na área de enfermagem obstétrica. **Resultados:** esta atuação possibilitou a acadêmica antecipar conhecimentos que seriam possíveis apenas em momento posterior da graduação. Além disso, permitiu-lhe conhecer a rotina de um centro obstétrico, a condução do trabalho de parto, a atuação das enfermeiras e de outros profissionais, neste contexto. **Conclusão:** por meio da observação, percebeu-se que a enfermagem obstétrica, trabalha em prol da humanização do atendimento, de modo que esta experiência deve servir como um modelo, para que futuramente se possa oferecer um cuidado diferenciado, mais humanizado e que promova segurança às mulheres.

Descritores: Enfermagem obstétrica; Observação; Parto.

ABSTRACT: Objective: to describe the experience of a student nurse as an assistant of research in an Obstetric Center of an University Hospital, in Porto Alegre, RS, Brazil. **Method:** to describe and reflect the experience that was obtained through naturalistic observation in the collection of the data of qualitative research which has analyzed the use of birth ball during labor. **Results:** the participation in this study gave us knowledge that we would only have gained after graduation. It also, allowed me to know the routine inside an Obstetric center, all the work that is done during labor, the work that the nurses perform during labor and all the people involved in this context. **Conclusion:** besides all the routines that have been instituted in this field, obstetric nursing has worked on humanizing it itself, in a way that the experience should serve as a role model, so in the future nurses will offer a more differentiated and more humanized service, and the promotion of women's safety.

Descriptors: Obstetrical nursing; Observation; Parturition.

RESUMEN: Objetivo: relatar las experiencias de una académica de enfermería como auxiliar de pesquisa en el Centro Obstétrico de un Hospital Universitario de Porto Alegre, RS, Brasil. **Método:** describir y reflejar sobre las experiencias obtenidas a través de la observación naturalística en la recolección de datos de pesquisa cualitativa, en el área de enfermería obstétrica. **Resultados:** esta actuación posibilitó para la académica prever

¹ Acadêmica da Escola de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Bolsista de Iniciação Científica PIBIC/ CNPQ. Integrante do GEMBE (Grupo de Estudos da Saúde da Mulher e do Bebê). E-mail: jeteles.enf@gmail.com

² Professora da Escola de Enfermagem da UFRGS. Enfermeira Obstétrica. Doutora em Enfermagem. Vice-Coordenadora do GEMBE. E-mail: Bonilha.ana@gmail.com

conocimientos que serían posibles apenas en momento posterior de la graduación. Además de eso, se permitió conocer la rutina de un centro obstétrico, la conducción del trabajo de parto y la actuación de enfermeras y de otros profesionales en este contexto. **Conclusión:** por medio de la observación se percibió que la enfermería obstétrica trabaja a favor de la humanización del atendimento, de manera que esta experiencia debe servir de modelo, para que futuramente se ofrezca un cuidado diferenciado, más humanizado, y que promueva seguridad a las mujeres.

Descriptor: Enfermería obstétrica; Observación; Parto.

INTRODUÇÃO

A inserção de alunos em um grupo de pesquisa possibilita diversas vivências que nem sempre são oportunizadas nas disciplinas da graduação. Dentre estas experiências destaca-se a possibilidade de acompanhar a produção e a tramitação de um projeto de pesquisa além de agregar o conhecimento da academia com a prática de enfermagem, em que o aluno passa a desenvolver um senso crítico sobre essa realidade. Além disso, a pesquisa possibilita ao aluno o seu aprofundamento em relação a uma linha de pesquisa trabalhada, tendo repercussões na formação de sua identidade profissional. De modo que esta inserção possibilita a formação de um vínculo não só com os temas trabalhados na pesquisa, mas com os pesquisadores e com todos que se encontram envolvidos na área específica.

Dentre as atividades ainda há a possibilidade de aprendizado em bases de dados, de acompanhamento nas reuniões do grupo de pesquisa (fazendo parte das discussões envolvidas), participação em eventos e em palestras, envolvimento em coletas de dados e também a apresentação de trabalhos e de pôsteres.¹

Neste trabalho será abordada a inserção da acadêmica de enfermagem, mais especificamente em uma coleta de dados de uma dissertação de mestrado, possibilitando a aprendizagem sobre o cotidiano deste centro obstétrico e as atividades das profissionais enfermeiras obstétricas.

O projeto da pesquisa, a qual está inserida, é um projeto qualitativo que analisa o uso da bola obstétrica, em mulheres em trabalho de parto, como um método não-farmacológico para alívio da dor. Prevendo, assim, o acompanhamento dessas mulheres até o momento do nascimento de seus filhos. A participação da acadêmica ocorreu na pesquisa durante a coleta de dados.

A pesquisa foi avaliada pela Comissão de Pesquisa da Escola de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e pelo Comitê de Ética em Pesquisa Hospital de Clínicas de Porto Alegre e aprovado sob nº 100135/2010. As mulheres e os profissionais que concordaram em participar do trabalho assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido depois de serem orientados sobre os objetivos do estudo, suas características e suas implicações, atendendo às Diretrizes e Normas da Resolução nº196/96 do Conselho Nacional de Saúde.

A observação possibilita um contato pessoal do pesquisador com o objeto de estudo, permitindo assim, acompanhar experiências dos sujeitos e aprender o significado que atribuem à realidade as suas ações.²

Vale ressaltar que embora a disciplina de Saúde da Mulher, área em que os alunos entram em contato com a parturição, ainda não tenha sido ofertada no currículo desta aluna, por estar cursando os semestres iniciais do curso de enfermagem, esta acadêmica pôde antecipar estes conhecimentos por meio da observação naturalística. A observação prevista como estratégia de coleta de dados possibilita o acompanhamento do trabalho de parto, a observação das mulheres em trabalho de parto, o atendimento prestado a elas desde admissão no Centro Obstétrico até o pós- parto, além da observação de partos cesáreos e vaginais, o atendimento ao recém nascido e a participação do acompanhante no parto. Podendo, então, antecipar a aquisição de conhecimentos que só seriam



oportunizados em semestres posteriores da graduação. Frente a isso, objetiva-se relatar as experiências de uma acadêmica de enfermagem como auxiliar de pesquisa de uma coleta de dados, referente ao uso da bola obstétrica, em um Centro Obstétrico de um Hospital Universitário de Porto Alegre, RS, Brasil.

MÉTODO

Trata-se de um Relato de Experiência o qual descreverá e analisará as experiências proporcionadas pela participação de uma acadêmica de enfermagem em pesquisa, a qual se encontra nos primeiros semestres da graduação. Tais experiências foram obtidas através da sua inserção em uma coleta de dados, fazendo uso da observação naturalística em pesquisa sobre o uso da bola obstétrica.³

Na observação naturalística não é prevista a intervenção do pesquisador no contexto observado, com observação livre dos dados.³

Nas salas de pré-parto a observação ocorreu a partir da indicação do uso da bola pela enfermeira para as mulheres, com o registro em diário de campo das interações e descrição dos fatos observados, relacionados às orientações fornecidas para a paciente, como ocorria o uso da bola obstétrica no trabalho de parto pela parturiente e como acontecia à saída desta do método. Desta forma, a observação iniciava a partir da indicação do uso da bola pela enfermeira e estendia-se até o momento do parto, mesmo que a paciente já tivesse saído da bola. Os dados coletados no diário de campo, após observação, foram transcritos em arquivo digital para posterior análise de dados.

DESCRIÇÃO DAS EXPERIÊNCIAS

O cuidado atual ao parto diferencia-se muito do que era oferecido no passado. Afinal, o atendimento era realizado na casa da parturiente e o parto era realizado por parteiras, mulheres que tinham seu conhecimento baseado na experiência de vida em realizar partos. Conforme observado pela acadêmica, a hospitalização do parto acaba tornando as mulheres vulneráveis e submissas às rotinas hospitalares e aos procedimentos e decisões dos profissionais. De modo que a presença de profissionais e de tecnologias é cada vez mais vista como uma necessidade no processo de parturição.⁴

Embora estejamos vivenciando um modelo altamente medicalizado e intervencionista contamos, por outro lado, com a proposta de humanização das enfermeiras obstetras. O atendimento preconizado na formação destas profissionais tem como objetivo respeitar os aspectos fisiológicos, emocionais e socioculturais do trabalho de parto. Chamou atenção que neste hospital universitário todas as enfermeiras envolvidas na assistência têm formação na área obstétrica o que pode contribuir com a humanização do cuidado às parturientes.

O Ministério da Saúde, atualmente, vêm estimulando a formação de Enfermeiras Obstetras. Esta formação tem como foco o respeito aos aspectos fisiológicos, emocionais e socioculturais do processo reprodutivo e busca privilegiar uma atuação fundamentada na compreensão do fenômeno da reprodução como singular, contínuo e saudável, em que a mulher é o foco central do cuidado.⁵

Nesta pesquisa observou-se que as enfermeiras obstétricas exercem a humanização no processo de cuidado às mulheres, de modo que, por intermédio desta atenção, passam a contribuir para redução do número de cesarianas desnecessárias e, conseqüentemente, para a preservação da saúde do binômio mãe-bebê. Afinal se sabe que a cesárea eletiva (muitas vezes sem indicação adequada) contribui para o aumento dos índices de morbi-mortalidade materna

e perinatal. As parturientes, quando acompanhadas por estas profissionais (enfermeiras obstetras), utilizam menos analgésicos e sofrem menos intervenções.⁶

O cuidado humanizado no parto implica em oferecer à mulher um ambiente confortável e o mais próximo de sua realidade - já que dificilmente ela sentirá o mesmo conforto que ela sentiria em sua casa - por exemplo. Em função disso, o Ministério da Saúde tem criado estratégias de incentivo à humanização do parto como, por exemplo, a Lei do Acompanhante que hoje é obrigatória e é direito de toda mulher.⁷ Esta lei está sendo implementada na maioria dos hospitais do país, bem como no hospital, local de realização deste estudo. Também, a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) elaborou em 2008, uma resolução (RDC-36) que buscou modificar a relação entre o serviço de atendimento, à mulher e ao bebê.⁵

Outra ação importante implementada pelas enfermeiras deste centro obstétrico se dá ao informarem e ao explicarem à parturiente e a seu acompanhante a evolução do trabalho de parto. Observou-se que as enfermeiras obstetras procuram responder aos questionamentos e também orientar estas famílias sobre este processo. Trata-se de uma estratégia simples e possível, que certamente influenciará de modo positivo no processo de parturição. Afinal, quando se trata de parto humanizado nos referimos àquele que favorece o processo fisiológico e que também respeite as crenças, a cultura, a vontade da mulher e também o momento em que se encontra. Tornando a mulher informada sobre sua evolução no processo de parturição, fará com que se sinta mais segura e confiante na equipe que está lhe atendendo.

Conforme preconizado pelo Ministério da Saúde, a fim de humanizar o atendimento às gestantes, instituiu-se: a presença de um acompanhante de livre escolha da mulher no acolhimento do trabalho de parto, parto e pós-parto imediato; o acesso a métodos não farmacológicos e não invasivos de alívio à dor e de estímulo à evolução fisiológica do trabalho de parto; garantia à mulher de condições de escolha das diversas posições no trabalho de parto, desde que não existam impedimentos clínicos.⁸

Foi possível perceber que neste hospital, conforme o preconizado, as mulheres têm direito a presença de um acompanhante durante todo o processo de parturição, a métodos não farmacológicos os quais podem contribuir para a evolução do trabalho de parto e também à escolha de posição durante este processo. Tais medidas de alívio à dor são, na maioria das vezes, indicadas pelas enfermeiras obstétricas, as quais orientam às mulheres sobre o uso destes métodos.

Os métodos não farmacológicos, objeto de estudo da pesquisa referida, são utilizados não só para favorecer a evolução do trabalho de parto, mas também, para alívio da dor. Tais métodos são bastante utilizados e preconizados por enfermeiras obstétricas, por entenderem o quanto eficaz este uso se dá para as mulheres.

Sendo assim, é importante repensar o parto de modo a oferecer às mulheres um atendimento humanizado. Além disso, o profissional que atende às gestantes e parturientes deve pensar em métodos que possam proporcionar conforto e cuidado, sendo a bola um importante acessório e recurso para ser utilizado às parturientes.⁶ Neste hospital utilizam-se diversos métodos não farmacológicos como recursos para alívio da dor e também como um método que preconiza a humanização neste momento único e tão especial. Dentre estes se pode citar: a bola obstétrica, o cavalinho, a banqueta, a hidroterapia, entre outros.

Neste relato, a acadêmica auxiliar de pesquisa fez parte de coleta de dados em que a bola obstétrica foi o instrumento de estudo da pesquisa. A bola obstétrica é utilizada como um recurso não farmacológico para o alívio da dor no trabalho de parto.

A bola hoje é bastante utilizada por profissionais da área da educação física e por fisioterapeutas e seu uso está sendo implementado nos Centros Obstétricos. Este método não-farmacológico permite que a mulher tenha liberdade de mudar a posição de apoio do

seu peso, bem como apoiar a região pélvica, para maior conforto durante o trabalho de parto. Além da mudança de posição o uso da bola pode facilitar a descida fetal nos casos em que o trabalho de parto não está progredindo.⁹

O uso de métodos não farmacológicos, pautados na humanização do atendimento, é pouco adotado pelos profissionais médicos. As mulheres quando referem dor forte normalmente são submetidas à analgesia e poucas fazem uso destes métodos. Observa-se que, quando indicado, tal conduta é realizada pelas enfermeiras do Centro Obstétrico.

Além das questões técnicas e intervencionistas, observa-se que muitas mulheres ao serem internadas em um Centro Obstétrico têm de ficar em um ambiente que se diferencia de seu cotidiano, muitas vezes são separadas de suas famílias e além de sentirem-se sozinhas são submetidas a processos invasivos e dolorosos. A atenção centrada no modelo biomédico, oferecida atualmente, pode comprometer o estado emocional dessas mulheres necessitando assim, de profissionais que lhes dêem suporte e apoio neste momento.

Cabe ressaltar que a indicação da bola obstétrica foi muito importante não só para o alívio do desconforto das mulheres, mas também para inserção do acompanhante. Observou-se que as enfermeiras ao indicarem este método acabavam por inserir o acompanhante no processo de cuidado. Afinal, este tinha a oportunidade de auxiliar a parturiente no uso, o que causava a segurança de não estarem sozinhas neste momento. Algumas vezes as instruções dadas pelas enfermeiras eram lembradas pelo acompanhante, ajudando a mulher a relaxar.

Deve-se lembrar que a alteração do estado emocional desta mulher poderá comprometer os cuidados futuros ao recém nascido. No ambiente hospitalar a família e neste caso as mães juntamente de seus acompanhantes, carecem de apoio emocional e de informação. Necessitando de encorajamento para que possam cuidar de seu bebê. Principalmente se houver alguma intercorrência no pós-parto que possa causar sofrimento à mulher e à sua família. Como no caso de bebês internados em UTI neonatal.¹⁰

O convívio dentro de um Centro Obstétrico causa sensações de extrema satisfação e alegria, mas também um misto de preocupação em relação ao atendimento que os profissionais oferecem aos pacientes. Por outro lado, estar junto das mulheres e de seus acompanhantes e oferecer-lhes apoio é muito gratificante, principalmente para esta acadêmica que observando este processo pode entender o quanto elas necessitam dos profissionais e de seus familiares junto delas.

O trabalho de parto normal pode se tornar para muitas mulheres um momento de estresse e de aflição. Nos leitos de pré-parto, lugar em que a parturiente aguarda até o momento de ganhar seu bebê, muitas vezes as mulheres reclamam e se sentem cansadas com o trabalho de parto.

Por tratar-se de um hospital-escola há muitos acadêmicos e residentes. Há um fluxo intenso de profissionais dentro dos quartos. Em função disso, o exame de toque vaginal (realizado para medir a dilatação uterina) raramente é realizado pelo mesmo profissional, alternando a realização deste procedimento entre acadêmicos e professores. Os acadêmicos demonstram e buscam prestar um atendimento humanizado. Contudo, foi observado que os profissionais, muitos trabalham há muito tempo na área, demonstram estar tão a vontade e acostumados com a rotina, que as preocupações com a individualidade e com a privacidade das pacientes, não raro, ficam esquecidas.

Neste hospital universitário quase todas as mulheres permanecem internadas com acompanhante, com pouca exceção, quando decidem ficar sozinhas. O papel das enfermeiras, com especialização em obstetrícia, é muito importante para as mulheres ali internadas. Em casos de aborto ou de feto-morto foi possível observar o quanto é importante o apoio destas profissionais, que, naquele momento de luto, servem como suporte à família que tanto sofria.

Apesar de haver tantas atitudes e práticas a serem repensadas, há diversas evoluções. Antes das mulheres parirem seus bebês, são as enfermeiras obstétricas que se dirigem até o quarto para perguntar como a parturiente está se sentindo, perguntam o que ela está sentindo e explicam a elas o porquê daquelas sensações. Indagações que permitem às mulheres o entendimento daquelas sensações que para muitas são inéditas, no caso das primigestas e para algumas múltíparas também, uma vez que cada parto diferencia-se do outro.

Durante o trabalho de parto as mulheres são auxiliadas por enfermeiras obstétricas, as quais orientam as mulheres no momento em que devem fazer força, para favorecer na contração uterina, e tornam-se parte essencial deste processo, já que são as únicas profissionais vistas nesta função, dentro deste centro obstétrico.

Na recuperação, no pós-parto, observam-se as enfermeiras orientando as mães quanto ao modo correto de amamentarem seus bebês. Atitude extremamente importante e que estimula o progresso da amamentação, pois se sabe que a falta de conhecimento pode ocasionar lesões e provável desistência em amamentar, o que poderá prejudicar o desenvolvimento deste bebê.

O papel das enfermeiras neste Centro Obstétrico é um exemplo de humanização no trabalho de parto. Neste hospital as enfermeiras ainda não têm a autonomia desejada no processo de parturição, pois as mesmas não assistem ao período expulsivo do parto, de modo que não realizam partos. Contudo, é possível ver o quanto elas procuram estar presentes, na medida do possível, para auxiliar estas mulheres e para tornar o atendimento o mais confortável e humanizado. Pode-se inferir, pela observação realizada que o atendimento prestado seria completamente diferente caso não houvesse estas profissionais.

As práticas e atitudes intervencionistas, centradas no modelo biomédico devem ser repensadas. Contudo há potencial para melhorar o atendimento, principalmente com profissionais capacitadas e que têm o conhecimento necessário do quanto se pode fazer diferente durante o processo de parturição. Atitude, esta, que foi vista pela acadêmica neste centro obstétrico. Há um esforço por parte das enfermeiras para oferecer um atendimento plenamente humanizado.

Além disso, o cuidado praticado pelas enfermeiras obstétricas são reconhecidas pelas mulheres atendidas por estas profissionais, as quais procuram abordar as pacientes de modo humanizado entendendo a importância do acompanhante neste momento.¹¹

As mulheres observadas neste estudo, em entrevista realizada posteriormente, verbalizaram o quanto foi importante o uso da bola obstétrica no trabalho de parto, muitas afirmaram que este método (juntamente com as orientações das enfermeiras) ajudou no alívio da dor e na evolução do processo.

CONCLUSÕES

A coleta de dados da pesquisa oportunizou à acadêmica de enfermagem a antecipação de conhecimentos que serão oferecidos posteriormente na graduação bem como o aprendizado relativo ao método de pesquisa. Também, alcançou-se a aprendizagem no que diz respeito às atividades desenvolvidas pelas enfermeiras, possibilitando a percepção da importância que isso se faz, tanto para as parturientes, quanto para as puérperas - juntamente de seus familiares.

De modo que a busca pelo atendimento humanizado e específico, para o parto e nascimento, pode promover segurança a todas as mulheres que passam por este processo tão importante. Afinal as parturientes necessitam de orientação e de um acompanhamento que preconize a humanização neste processo, sendo respeitada a opinião desta mulher evitando-se medidas intervencionistas e invasivas muitas vezes sem necessidade. Além disso, percebeu-se que o atendimento humanizado deve ser buscado pelos profissionais,



afim de que se possam modificar rotinas que hoje prejudicam e causam sofrimento a muitas mulheres e seus familiares.

REFERÊNCIAS

1. Krahl M, Sobiesiak EF, Poletto DS, Casarin RG, Knopf LA, Carvalho J, et al. Experiência dos acadêmicos de enfermagem em um grupo de pesquisa. *Rev bras enferm.* 2009;62(1):146-50.
2. Lüdke M, André M. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.* São Paulo: EPU; 1986.
3. Vianna HM. *Pesquisa em educação: a observação.* Brasília: Plano Editora; 2003.
4. Osava RH. *Assistência ao parto no Brasil: o lugar do não-médico.* São Paulo: [s.n.], 1997. Tese (Doutorado) - Faculdade de Saúde Pública da USP; 1997.
5. Agência Nacional de Vigilância Sanitária - ANVISA. *Maternidades têm até dezembro para incentivar parto humanizado.* [acesso em 2009 nov 8] Brasília, 2008. Disponível em: <http://www.anvisa.gov.br/divulga/noticias/2008/220708.htm>
6. Oliveira, LL. *O uso da bola obstétrica no trabalho de parto.* Porto Alegre: 2007. Projeto de dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Escola de Enfermagem; 2010.
7. Moura FMJSP, Crizostomo CD, Nery IS, Mendonça RCM, Araújo OD, Rocha SS. A humanização e a assistência de enfermagem ao parto normal. *Rev bras enferm.* [periódico na internet]. [acesso em 2009 nov 8]. 2007;60(4):452-5. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672007000400018&lng=pt. <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-71672007000400018>.
8. Dias MAB, Domingues RMSM. Desafios na implementação de uma política de humanização da assistência hospitalar ao parto. *Ciênc saúde coletiva.* 2005;10(3):699-705.
9. Burgess K. Having a ball: using birth balls to ease labor. [acesso em 2009 nov 8]. Disponível em <http://www.pregnancytoday.com/articles/birth-methods-and-philosophies/having-a-ball-1304/> faltam informações do artigo.
10. Dutra BS, Campolina MA, Pereira HO, Arruda TFF, Lisboa AAF, Santana JCB. Significado para as mães de conviver com a internação de um filho em uma unidade de terapia intensiva neonatal. *Rev enferm UFPE.* [periódico na internet]. [acesso em 2009 nov 8]. 2010;4(4):1792-802. Disponível em: http://www.ufpe.br/revistaenfermagem/index.php/revista/article/view/1112/pdf_229.
11. Nascimento NM, Progianti JM, Novoa RI, Oliveira TR, Vargens OMC. Tecnologias não invasivas de cuidado no parto realizadas por enfermeiras: a percepção de mulheres. *Esc Anna Nery Rev Enferm.* 2010;14(3):456-61.

Data de recebimento: 09/05/2011

Data de aceite: 16/09/2011

Contato com autora responsável: Jéssica Machado Teles

Endereço postal: Rua Dona Firmina n: 86, Ap:105, CEP: 91520-210, Bairro: São José, Porto Alegre-RS, Brasil.

E-mail: jeteles.enf@gmail.com